

QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Ana Greicy Gil Alfen¹

O livro *Quarto de despejo*, de Maria Carolina de Jesus, foi publicado pela primeira vez em 1960, seu sucesso foi mundialmente conhecido e traduzido para treze línguas. A obra apresenta o cotidiano de moradores da favela do Canindé, a primeira grande favela de São Paulo, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê. A autora é negra, mãe solteira, catadora de lixo e uma escritora que tece a sua auto biografia, diferentemente de escritores como Todorov, cujos pais eram bibliotecários e vivia cercado de livros. Porém, o amor da autora pela literatura não se via mais limitado à educação recebida em um país totalitário, pois o seu amor pela leitura e escrita não se limitou à fome e à pobreza, num Brasil injusto e desigual, como percebemos na passagem do trecho “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (p.21).

Assim, num ambiente social marcado pela fome, pela pobreza e pela luta pela sobrevivência, entendemos que a Literatura pode muito, “[...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (CANDIDO, 2004, p. 175). Ela teve uma luta diária contra a fome, a amarela (a fome tem cor) principalmente para manter os três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice e para sobreviver.

3 DE MAIO...Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer. (p. 25).

Ao todo foram escritos vinte diários, entre 15 de julho de 1955 e 01 de janeiro de 1960. Pode-se perceber que a cada ano que passou, a vida de Maria Carolina foi ficando mais difícil e em dado momento ela chegou a pensar em suicídio. No primeiro dia relatado, Vera Eunice pede à mãe buscar água e a última data publicada no diário, Maria Carolina levanta às cinco horas para buscar água. Continuava a viver em péssimas condições.

¹ Mestra em Letras, 2023 - Programa de Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS-UNEMAT, Cáceres, MT. Grupo de pesquisa: “LIPP: Literatura Infantojuvenil, poesia e prosa”. E-mail: ana.greicy@unemat.br

Mais de sessenta anos se passaram após a publicação do livro, ainda presenciamos milhares de brasileiros que passam fome e lutam pela vida que continua a ser, para muitos, injusta e desigual.

Sendo semianalfabeta, sabia ler e escrever, apesar de apresentar alguns erros de gramática, de acentuação e grafia em sua escrita. Apresentava um vocabulário rebuscado como se percebe em algumas passagens: “aleitei-me”, “o Sol estava tépido”, “Astro-rei”, “ablui as crianças”, entre outras. Maria Carolina traz uma visão de quem está dentro da favela, o que faz sua literatura ser única, entre tantos outros autores que escreveram sobre a periferia. Segundo Manuel Bandeira (2004, p. 9, sobre a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*), ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa [...]. “Em palavras usuais o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere”. (CANDIDO, 2004, p. 178).

Escrever seu diário era uma via de alívio e libertação da triste realidade. Nesse sentido, “[...] a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor.” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 14) Leitura e escrita para a autora e personagem protagonista desse livro é:

[...] interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros [...]. (SOARES, 2004, p. 18).

O maior sonho da autora era a publicação de seus diários e morar numa casa de alvenaria. Entendia e conversava sobre política, era independente, não precisava de marido. Vale enfatizar, que ela já era descrente do amor. Relatou algumas passagens amorosas, mas sem grande importância. Cuidava e zelava muito pelos filhos, buscava a educação escolar para eles, pois “[...] crianças e pais das camadas populares veem a aprendizagem da leitura como um instrumento para obtenção de melhores condições de vida”. (SOARES, 2004, p. 22). Procurava dar um bom exemplo; não encontrava defeitos nas crianças, não bebia e poucas vezes esteve metida em confusão, nas raras vezes era tentando ajudar ao próximo.

Diante do exposto, compreendemos a importância e o valor da “Estética da Recepção” proposta por Hans Robert Jauss e da leitura literária para a ampliação do horizonte de expectativas do sujeito leitor. Como podemos perceber na passagem deste trecho:

A transição de minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter. Se não fosse por intermédio dos livros que deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais. (Depoimentos da autora em uma entrevista no final do livro, p. 169)

Maria Carolina de Jesus tinha todas as condições desfavoráveis para ser apenas mais uma pessoa na multidão de favelados, mas uma professora e a literatura fizeram a diferença em sua vida.

Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade.

Assim, desenvolver a leitura e a escrita prazerosa de nossas crianças, por meio do gosto pela prática da leitura literária é transformá-las em leitores, que poderão ser críticos e conscientes de suas ações com o outro e com a sociedade. Maria Carolina diz em seu diário que o pai da Vera Eunice, uma de suas filhas, pede para que seu nome não seja divulgado no livro; assim como a maioria dos moradores da favela; pois para sua comunidade, a escrita era vista como instrumento de denúncia, negação e repúdio de certas atitudes.

À medida que vamos lendo a narrativa, entendemos o título da obra, Maria Carolina via a favela do Canindé, como o lugar que ninguém quer morar. As pessoas que habitavam lá é porque não tinham outro espaço. Como dito anteriormente, mais de sessenta anos se passaram após a publicação do livro *Quarto de despejo* e seus temas continuam sendo atuais: a desigualdade social, a fome, o preconceito, a prostituição infantil, os vícios e os políticos que geralmente só lembram do povo nas vésperas de eleições. No livro, Maria Carolina ainda nos diz que um líder político deve ser alguém que passou fome. Talvez, seja esse um dos grandes motivos desses problemas sociais se perpetuarem ao longo dos anos. É preciso ter uma visão de dentro.

Como vimos no filme “Mãos Talentosas”, dirigido por Thomas Carter e lançado em 2009; a personagem Ben é um negro, pobre, filho de mãe separada e analfabeta, quase a mesma história dos filhos de Maria Carolina, embora os cenários sejam diferentes. Entretanto, pode-se fazer uma breve análise da mãe de Ben Carson: Sonya Carson com a personagem de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, ambas queriam dar para os filhos tudo aquilo que elas não tiveram nem viram, por meio da leitura, como a oportunidade para melhores condições de vida.

Enfim, durante a leitura, compreendemos também o porquê de sua obra ser bastante citada em vestibulares, inclusive no Enem de 2022. É uma literatura que nos humaniza e sensibiliza para o amor ao próximo e para o ato de ler e escrever. Simplesmente uma leitura significativa, edificante e prazerosa.

Assim, como essas mulheres; “[...] acreditamos, portanto, no trabalho da leitura literária como um ato político, no sentido de transformador de formas de ler, sentir e estar no mundo” (AMORIN, 2022, p. 135) e, principalmente, para a produção de sentidos. A literatura continua e sempre será via de libertação para os mais oprimidos.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

JAUSS, Hans Robert. A estética da Recepção: Colocações Gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). **A literatura e o leitor**. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43–61.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2004.

Literatura na escola/ Marcel Alvaro de Amorin... [et al]. São Paulo: Contexto, 2022.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: **Leitura perspectivas interdisciplinares**/ Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (organizadores). São Paulo – SP: Ática, 2004, p. 18- 29.